

TEXTO, HIPERTEXTO E CONHECIMENTO

Geni Chaves Fernandes

Doutoranda em Ciência da Informação CNPq/IBICT-UFRJ/ECO
Professora da Universidade Santa Úrsula

Resumo: O hipertexto tem sido apontado como instrumento capaz de favorecer a ultrapassagem das dicotomias instauradas pela visão metafísica. Neste sentido é visto como adequado a um novo paradigma. Supondo-se três paradigmas: moderno (base metafísica, o pós-moderno que mantém a idéia de eu não há fundamento e o pós-moderno que supõe a fusão entre fundamento e fundado, a autora quer demonstrar, a partir das próprias descrições de hipertexto, a possibilidade de sua adequação a cada paradigma, e alguns riscos que cada um apresenta. com isto quer-se evidenciar que o hipertexto, por si só, não garante a ultrapassagem do paradigma moderno.

Abstract: Hipertext, as instrument, has been seem able to permit surpass the dichotomies posed to metaphysic view. In this sense it seems to fit a new paradigm. Taking into account tree paradigms: modern (metaphysics based), post-modern with supposes there is no foundation, and post-modern with supposes fundament founded fusion, the author wants to show, based on hipertext descriptions, that it is possible it fits to each paradigm, and the risks that each one represents. This way, author stresses that hipertext by itself can't guarantee modern paradigm surpass.

INTRODUÇÃO

A insistente crítica de filósofos e cientistas ao modo e critérios de validade do conhecimento na modernidade encaminhou-se, na atualidade, para um novo leque de propostas alternativas que vêm acompanhadas de modos e instrumentos que, por vezes, pretendem propor a inauguração de uma pós-modernidade, entendida aqui como algo que não é mais, ou não produz mais um conhecimento moderno.

Vamos destacar alguns dos pontos sobre os quais tem incidido esta crítica, lembrando que, apesar dos pesares, a modernidade ainda está na moda.

Primeiro, a razão subjetiva como fundamento do conhecimento verdadeiro. É o sujeito e não o objeto a origem do conhecimento². É a razão, enquanto possibilidade de ordenamento do mundo, a condição e o limite do conhecimento³.

Segundo, o método analítico, de acordo com o qual deve-se dividir cada problema (cada composto) em elementos simples para a conseqüente ordenação dos

resultados obtidos, refazendo-se, com as respostas, uma reconstrução dos compostos de forma hierárquica⁴. Tal procedimento é a garantia de se chegar sempre aos mesmos resultados, o que implica haver uma única verdade possível.

Terceiro as dicotomias operadas pela metafísica já na Grécia, onde o mundo foi dividido em real e sensível, e que se desdobraram até a modernidade nos duplos: corpo e alma, aparência e essência, sujeito e objeto, etc, de tal sorte que conhecer seria desvencilhar-se de aparências enganosas e movediças e buscar a essência imutável de tudo aquilo que se percebe.

Em síntese: a razão (fundamento), munida da análise (método) deve buscar o conhecimento verdadeiro (essência).

1. CRÍTICAS À MODERNIDADE E DUAS VIAS DE ULTRAPASSAGEM

1.1. Pontos de Crítica

As críticas ao modo de conhecimento moderno, especialmente o encarnado na ciência⁵ são muitas, bem como as respostas alternativas que têm sido sugeridas. Destacamos alguns pontos que serão interessantes para nosso foco: o hipertexto.

Se desde Platão a questão do conhecimento admite um mundo cindido em dois: um aparente, com tudo aquilo que vemos, vivemos e percebemos e um mundo verdadeiro, das essências das coisas, imutáveis e, portanto, previsíveis. Na modernidade, este segundo mundo, enquanto fonte da possibilidade de um conhecimento verdadeiro, passa a ser o do conhecimento construído pela razão, com o uso do método, onde a verdade é universal. O movimento, as transformações, as mudanças, não são objeto do interesse, porque encobrem aquilo que é imutável e lhe sustenta, ao mesmo tempo que não é possível gerar um conhecimento a partir de aparências fluídas. Se tudo muda ou se transforma, sem que se saiba o porquê (essência), não se pode prever futuras mudanças ou transformações, sendo tal conhecimento inútil.

Existe nesta proposta de conhecimento, que nasce na Grécia e permanece até hoje, a bem de todas as negações que a modernidade desferiu contra a metafísica, uma intenção de se chegar a um esgotamento do conhecimento. Quer dizer, o que não se conhece é o que **ainda** não se conhece.

Uma das críticas arremessadas à metafísica é esta dicotomia: a suposição de existência de dois mundos, que esta forma de conhecimento indica: o das coisas que existem (aparece, entes) e das coisas que são (essência, ser). Como é possível que o que seja não exista e que o que exista não seja?

Se percebemos no mundo mudança, criação, renovação constantes, supor um conhecimento ou a possibilidade de um conhecimento permanente, imutável, seria o mesmo que supor um conhecimento de outro mundo.

Caso se quisesse eliminar tal dicotomia, o conhecimento deveria admitir sua própria mudança. Um conhecimento verdadeiro, correspondente a esta nova concepção de real, não poderia chegar a um termo final, porque nele opera sempre a mudança: real e conhecimento devêm , porque ordenados pela mudança.

Ainda na crítica à dicotomia, (dois mundos) pode-se também supor que não existe um critério de ordenação do real, nem existe uma razão universal ou transcendental capaz de criar, por sua própria natureza única e imutável, um conhecimento também universal. Todo conhecimento é uma ordem imposta pelo homem às coisas, sem que se possa remeter a nenhum critério ou parâmetro judicativo, um tira teima ou prova dos nove. Quer dizer, não há como se produzir um conhecimento verdadeiro e universal porque toda e qualquer coisa que se diga sobre o Nada (o que não tem ordem) é tão arbitrário como qualquer outro dito.

Um bom exemplo desta forma de pensamento é dada por Latour, valendo a pena transcrevê-la:

"Uma mãe está andando pelo campo com a filha. A menina chama de 'fiufiu' alguma coisa que, num movimento muito rápido, some de vista. Portanto, 'fiufiu' é um pombo, mas também uma lebre fugindo de medo, ou mesmo a bola da menina, quando alguém a movimentada com um chute, sem que ela veja. olhando para uma lagoa, a menina nota um peixe fugindo, e diz 'fiufiu'. 'Não', diz a mãe, 'aquilo não é 'fiufiu', é peixe; aquilo ali é 'fiufiu', e aponta para um pardal que sai voando. Mãe e filha estão na intersecção de duas de duas cadeias de associações: uma que liga uma bola, uma lebre, um pombo, um peixe à palavra 'fiufiu'; a outra, que distingue um verbo 'fiufiu', que realmente poderia ser aplicado a vários destes casos – mas não à bola -, e o substantivo passarinho, que se aplicaria apenas ao pombo e ao pardal. a mãe, não sendo relativista, não hesita em qualificar de 'incorreto' o uso que a filha faz da palavra 'fiufiu'. 'É uma coisa ou outra', diz ela, 'ou um verbo ou um substantivo'. 'Fiufiu' lembra um conjunto de coisas que não estão habitualmente associadas, na linguagem da mãe. A menina precisa reclassificar os casos até agora reunidos sob o título 'fiufiu', colocando-os sob novos títulos: 'passarinho', 'peixe', 'bola' e 'fiufiu'." ⁶

A ordem das coisas, as classes, o conhecimento enfim, são apontadas como arbitrárias, de modo que o entendimento dos homens é o resultado não de um mundo em comum ou de uma razão comum, mas da imposição de nomes e ordens, de geração em geração, e nada têm a ver com as coisas propriamente ditas.

Passemos ao segundo ponto. A aceitação do método analítico de Descartes propõe:

"(...) dividir cada uma das dificuldades que eu [ele] examinasse em quantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las... [e]... conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para

subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros." ⁷

Se o método de Descartes não é origem é ao menos o retrato do método operado pela ciência, que acabou por dividir o mundo em diversos objetos, fragmentou o mundo, o que suscitou e ainda suscita críticas, porque a fragmentação do mundo é, implicitamente, a fragmentação do próprio homem.

O conjunto de conhecimentos das diversas especialidades das ciências resultam não num todo, não num mundo, mas numa espécie de aglomerado de conhecimentos, surpreendentemente incomunicáveis (o que possivelmente não esperava Descartes). Os inconvenientes do conhecimento científico para o mundo, gerados pela ignorância inevitável da especialização, trouxeram custos altos, tanto para o homem como para o meio ambiente. O reflexo da crítica começa com a tentativa de geração de ações interdisciplinares, passando pela mais recente necessidade de uma 'visão holística', até a tentativa de estabelecimento de um novo paradigma: o da complexidade. A idéia de que o real é complexo sustenta que seu conhecimento através de simplificações ao modo de Descartes não pode gerar um conhecimento compatível, sendo a ponta de lança contra o método analítico.

Finalmente as críticas também se desfecharam contra o conhecimento puramente racional.

Ao examinar em que poderia realmente confiar para gerar um conhecimento verdadeiro, Descartes passa a colocar tudo em dúvida, porque não quer ser ou estar enganado acerca da possibilidade de acesso à verdade. Neste seu por a prova chega ao ponto de dizer que as coisas que vemos e sentimos, mesmo nosso próprio corpo (toda materialidade), pode ser uma mera ilusão, pensando em como nos iludimos com coisas inexistentes em nossos sonhos e que temos naqueles momentos como reais. Mas mesmo que tudo que ele veja e sinta possa ser ilusão, ele está certo que ainda assim está pensando (mesmo que seus pensamentos sejam ilusórios). Deste modo, a única coisa que subsiste a toda prova e continua existindo é o seu pensamento, donde tira sua máxima "penso, logo existo". Diz ele "... minha natureza é puro pensamento exclusivo [excluindo] de todo elemento corporal." ⁸

Com isto, qualquer outra fonte de percepção é descartada pois insegura, ficando apenas o pensamento. No conhecimento científico esta razão produtora de todo conhecimento verdadeiro coloca os aspectos empíricos relegados ao plano da verificação controlada por procedimentos da própria razão, não sendo, em si, a fonte primeira de qualquer conhecimento válido. Os sentidos enganam.

1.2. Duas Vias de Ultrapassagem

O leque de propostas contemporâneas que colocam alternativas, a partir das críticas à modernidade, é de significativa amplitude e diversidade e são sintética e sistematicamente abordadas por González de Gómez ⁹.

Para nossos fins, vamos operar uma simplificação que, como tal, acabará sempre por deixar algo do lado de fora, além de ser um tanto reducionista, mas que é útil na medida em que coloca dois caminhos básicos com diferenças sutis, mas importantes. As duas alternativas escolhidas para exame partiram de algumas leituras de autores que apresentam qualidades do hipertexto que, a nosso ver, são ambíguas.

A ultrapassagem quer eliminar as dicotomias originadas na metafísica. Não existiria, portanto, fundamento e fundado, essência e aparência, fixo e mutável etc. Tal separação do real, que naturalizou a concepção de que o que se quer conhecer (o que é) é completo, dado, imutável etc, implica que o conhecimento é uma tentativa de desvencilhar-se de tudo que atrapalharia alcançá-lo.

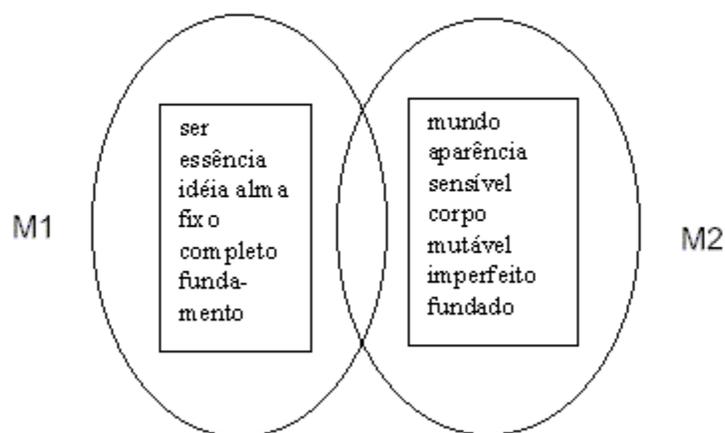


Fig. 1- Dicotomias operadas no real a partir da metafísica: dois mundos

Deste modo, as propostas de eliminar esta cisão são apresentadas em dois caminhos de resposta, que pretende avançar de um moderno a um pós-moderno:

- a. O primeiro é considerar a inexistência de fundamento. Não existiria um M1, que tem sido o critério de referência da verdade. Neste sentido, a eliminação de M1 corresponderia a afirmar que o fundamento é o Nada. Então, qualquer proposição de conhecimento é igualmente válida, uma vez que Nada é seu critério de validade. Dito de outra forma, como qualquer

ordem é arbitrária, todas têm o mesmo valor, porque igualmente arbitrárias, não podendo haver ordem que assim não o seja;

- b. O segundo é considerar uma possibilidade de "fusão" dos dois mundos. Fundamento e fundado seriam um, o real, sendo este o critério de referência da verdade. Neste sentido, como o que é, devém, a unidade real é origem, mas , por mais que se conheça, não é possível chegar a um termo final do conhecimento. O real como criação, como devir, significa que o conhecimento é criação, devém.

2. TEXTO E HIPERTEXTO: DESCRIÇÃO

As descrições feitas aqui, sobre texto e hipertexto, procedem daqueles que propõe o hipertexto como instrumento adequado a uma possível nova forma pós-moderna de relações, apreciações e de conhecimento. Embora as características do texto impresso já tivessem sido observadas, é na contraposição com o hipertexto que se vai encontrar argumentos que colocam este como proposta coerente com as críticas à modernidade, *vis-a-vis* ao texto, identificado como coerente com esta.

Três focos são colocados: o do conhecimento, que implica a questão acerca da verdade; o da ética, questão do bem ou justo; e o da estética, acerca do bom ou do belo. Embora entrelaçadas, no sentido de apoiarem umas às outras, vamos ater-nos ao que se refere ao conhecimento.

Texto e hipertexto são identificados, em geral, com os seguintes pontos:

- a. O modo analítico de divisão do mundo em elementos. Neste sentido, o texto é uma unidade, cujo conjunto de passagens que apresenta é uma progressão linear ininterrupta ¹⁰. A idéia de linearidade e unidade garantem ao texto sua 'completeza'. Isto significa que cada texto contém seu próprio sentido, caso contrário não seria uma unidade.

A ruptura que o hipertexto causa no texto, dividindo-o em passagens relativamente mais autônomas, e acoplando a estas outras passagens com possibilidades de ligação ¹¹, aproxima-se da concepção do real complexo.

Se consideramos que o real é um composto de elementos (simples), o modo adequado é ir aos elementos e bem conhecê-los, para depois formar o conhecimento dos compostos, que nada mais são do que arranjos dos elementos (método analítico de Descartes). Já se consideramos ser o real complexo, p. ex., o modo adequado de conhecê-lo deve manter tal complexidade (entendida aqui como relações entre aquilo que antes considerava-se elementos, onde tais relações são determinantes e não conseqüências), sendo o isolamento uma destruição do real e não seu conhecimento.

No sentido de manutenção das relações determinantes do real complexo (seja porque próxima do modo como pensamos, ou de como nos

relacionamos ou de como as coisas são), o hipertexto é uma representação mais adequada, tendo em vista o conjunto de *links*, onde não se pretende que cada segmento seja uma unidade elementar suficiente, seja porque se aproxima do modo como pensamos, seja porque própria ao modo como nos relacionamos, seja porque própria das relações das coisas no mundo.

- b. O segundo, ainda atrelado ao método, é aproximar o texto e/ou o conjunto de textos de uma ordem, uma hierarquia que, se não é própria das coisas, é pelo menos própria dos sujeitos conhecedores, e que estes refletiriam.

Então, um conjunto de textos pode ser organizado segundo seus conteúdos, indo dos assuntos mais específicos aos mais genéricos (do simples ao composto). Cada texto teria um lugar na ordem geral e não contraditória do conhecimento.

Já para o hipertexto não se propõe uma ordem dada ou pronta, seja pelo consenso, seja pela razão; propõe-se uma não ordem. No lugar de uma repetição da ordem estabelecida, que no fundo garante uma hegemonia cultural ¹², abre a possibilidade de uma nova versão (caminho trilhado por cada leitor), uma nova idéia (novos entrelaçamentos), novas interpretações ¹³ para o conhecimento. É "... como um campo aberto de possibilidades diante do gesto instaurador do usuário... [O hipertexto é]... **novo paradigma que sustenta o movimento contemporâneo** das tecnologias comunicacionais..." ¹⁴ (o grifo é meu).

Assim, se o texto e o sistema de classificação de textos (do conhecimento) estabelece uma ordem de mundo, o hipertexto proporia possibilidade de ordens de mundo, de acordo com cada leitor.

A linearidade do sistema arborescente de pensamento exige uma base e um tronco centrais, que é o estilo de conhecimento prevalecente no Ocidente a partir de Descartes. Já a imagem rizoma, proposta por Deleuze e Guatarri, só permite efetivação com a tecnologia do hipertexto, sendo, deste modo, concernente a um novo paradigma. ¹⁵

- c. A contraposição incide sobre a idéia de verdade que cada uma destas inscrições subentende.

O texto corresponderia a uma versão de verdade baseada na metafísica. Ter-se-ia um conjunto de textos que, se não são, pretendem ser a versão escrita da essência das coisas, do invariável e, portanto, fixos. Não se quer aqui ser ingênuo a ponto de supor que alguém considere o conjunto de textos científicos como sendo o espelho que descreve o mundo, mas que existe a pretensão de que um dia venha a sê-lo.

Já o hipertexto propõe a fluidez do conhecimento.

"Os documentos que fluem, os documentos vivos na rede estão sempre submetidos a uso e conexão constantes... Qualquer exemplar solto, que alguém conserva, está congelado, morto, carece de acessos e de novas conexões... O todo não é uma entidade acabada, sempre é uma relação."¹⁶

Num primeiro momento o hipertexto, ainda limitado, poderia cobrir, por exemplo, um livro, com **todas as críticas e comentários** sobre a obra, " que então passará a existir como parte de um complexo diálogo, ao invés de ser a encarnação de uma voz que fala continuamente".¹⁷ Já em fase mais avançada ter-se-ia a hipertextualidade completa, o que é limitado agora por questões técnicas.¹⁸ "A idéia de um **texto infinito** continuamente modificável, constituído pela interligação mundial de um número sempre crescente de outros textos, tal como hoje se encontra na rede hipertextual World Wide Web (WWW), viabiliza finalmente o projeto mallarmiano do *Livre*"^{19, 20}

Não se pretende com o hipertexto chegar a um estado final, estando este sempre aberto a novos acessos. Dito de outro modo, o hipertexto não é entendido como um conhecimento pronto disponibilizado, mas como uma abertura de informações que possibilita a construção de uma infinidade de ordens de conhecimento. Como tal, não supõe ser, nem vir a ser, um retrato do real.

(d) Finalmente, o texto científico (supondo-se ser este o que 'contém' conhecimento), não admite a inclusão de imagens²¹, já que sustenta-se na concepção de superioridade do conceito (abstrato) sobre a imagem (concreto).

Já o hipertexto integra informações verbais e visuais, além de dispor de dispositivos gráficos que permitem a entrada do leitor na tela, através do *mouse*, e seu passeio em diferentes telas a partir dos esquemas visuais apresentados. "De um modo tipicamente hipertextual, a visão geral implique que **qualquer idéia** que o leitor escolha como centro de sua investigação" tem em torno de si objetos ligados e acessáveis."²²

A princípio, o hipertexto indica a tentativa de ultrapassagem do paradigma vigente. Precisamos, entretanto, examinar as possibilidades de entendimento que podem emanar deste discurso. Estaria o hipertexto, ainda, dentro de uma visão dicotômica do real? Estaria afirmando a idéia de Nada como fundamento? Ou seria um instrumento baseado na proposta do Real como devir? Para tanto tomaremos dois autores, por auxílio: Platão e Heidegger, tendo em vista sua, se não efetiva, aparente oposição. O primeiro, "pai" da metafísica e o segundo que a considera como decadência do ocidente.

3. TEXTO, FALA E CONHECIMENTO: PLATÃO E HEIDEGGER

3.1 Platão

No diálogo, Fedro Platão conta um mito com o qual pretende ensinar algo sobre a escrita. Sócrates, o dialogador que irá contar a história diz não saber se ela é verdadeira ou falsa, mas conclui que "... se nós pudéssemos conhecer a verdade haveríamos de nos preocupar com o que dizem os homens?" ²³

Conta que o deus Tot ²⁴, inventor dos números, cálculo, geometria, astronomia e jogo de damas procurou Tamuz, que reinava sobre o Egito para mostrar-lhe uma grande invenção, a escrita, "... um conhecimento que tornará os egípcios mais sábios e lhes aumentará a memória; memória e ciência encontraram seu remédio." ²⁵ Entretanto, Tamuz viu na escrita um efeito contrário ao suposto por Tot, porque, confiando na escrita, os homens negligenciariam a memória. ²⁶ Complementa dizendo: "Quanto à ciência, não a ofereces senão em aparência a teus alunos, pois, após ter aprendido muito nos livros sem ter recebido qualquer ensinamento, parecerão ser muito sábios, mas... carecerá de julgamento e, além disso, serão insuportáveis porque aparentarão ser sábios, sem o ser." ^{27, 28}

Como o próprio Platão nos deixou muitos escritos, é necessário que busquemos um interpretação do mito. Se não é uma rejeição total à escrita, é ao menos uma restrição ao modo como pode ser utilizada.

Platão vê na escrita risco na medida em que ela é fixa: ao invés de falar, repete. ²⁹ A escrita, como a pintura, parecem vivas. Mas se alguém pergunta a textos algo sobre o assunto que expõe, limitam-se a responder sempre a mesma coisa. o que está escrito pode ser lido por qualquer um, já que não se dirige a ninguém. ³⁰

A divisão do real em Platão: mundo das idéias ³¹ (fixo, inteligível, completo, imutável) e mundo sensível (coisas, móveis, incompletas, mutáveis), afirma apenas as idéias como fixas. A busca do conhecimento, que se apoia (método) nas coisas sensíveis e no diálogo (com o outro, através do lógos: palavra viva), tem em vista as idéias fixas, mas não é ele mesmo as próprias Idéias e, portanto, não pode ser fixo. Assim, para Platão, um texto que tome o lugar da Idéia, se fixe, é um simulacro. O conhecimento exige um movimento de ascense, busca de alcançar as Idéias, uma subida calcada nos objetos sensíveis; e um movimento descendente, que compartilha com os outros, no diálogo. ³²

Supõe-se aqui um conhecimento como movimento que não pode se confundir com um texto fixo. Se o texto auxiliar neste movimento, ou seja, enseja o diálogo, a busca do conhecimento, não se põe como simulacro. Por isso Platão, não contraditoriamente, escreve.

3.2 Heidegger.

Heidegger chama de Pre-sença o homem, enquanto ente aberto para a existência. O homem é o único ente que além de existir se dá conta da existência: sua e dos demais entes, estando na abertura do Ser. Tal condição privilegiada não é fruto de sua consciência, mas de uma espécie de pré-consciência que o homem possui, como condição mesmo de poder perguntar ou afirmar o que as coisas são. Dito de

outro modo, quando alguém tem consciência pela primeira vez de algo existe, a ponto de poder pensar a seu respeito, é porque a existência já lhe estava aberta, antes desta conscientização. Tal pré-consciência da existência é também da morte, para onde e pelo que o homem se projeta na vida. Quer dizer, se não tivéssemos o horizonte da morte a vida não seria perceptível enquanto tal.

Este ente, privilegiado no que se refere à existência, é examinado por Heidegger no seu dia a dia, ou como ele mesmo diz, a partir de sua forma de ser na cotidianidade mediana, "tal como ela é antes de tudo e na maioria das vezes" ³³. Heidegger irá investigar a questão da verdade, não como algo escondido por detrás da existência, não se sabe bem onde (no mundo supra-lunar, na essência, na razão absoluta ou pura), mas a partir do mais próximo, da maneira como o homem é no seu cotidiano, no dia a dia.

A pre-sença (homem) compreende e se compreende no tempo pelo horizonte da sua morte e porque todo homem nasce e cresce num grupo que lhe precede e fornece uma interpretação de si mesmo e das coisas, uma tradição, que lhe apresenta o mundo como algo organizado, familiar, e lhe delinea um futuro possível ³⁴. Mas se tal futuro é para todo homem uma possibilidade, o homem pode escolher, porque ninguém nasce como sendo alguém já pronto, mas, num mundo organizado e com possibilidades, cada um tem uma margem para escolher-se, escolher quem vai ser.

Mas o homem, a pre-sença que pode escolher-se, em geral e na maioria das vezes escolhe indiferenciar-se, quase sempre "...nos divertimos e entretemos como impessoalmente se faz; lemos, vemos e julgamos sobre a literatura e arte como impessoalmente se vê e julga... O impessoal... prescreve o modo de ser da cotidianidade." ³⁵ O que não deixa de ser uma maneira de escolher, mas é a única que não nos traz nada de singular, não nos fornece nada de próprio. "Todo mundo é outro e ninguém é si próprio. O impessoal ... é ninguém." ³⁶

Nas relações cotidianas com os outros, falamos e escutamos. Mas para quem quase sempre é impessoal, falar e ouvir resume-se a um falatório (nos termos de Heidegger), porque o que se diz é aquilo que já se falou, um repetir ³⁷, sem que se tenha realmente apreendido previamente a coisa de que se fala. Aprendemos que as coisas são o que nos disserem que elas eram e quem nos disse, por sua vez, aprendeu apenas ouvindo o que outrem lhe disse. Neste modo impessoal, aprender é receber pronto um conteúdo de conhecimento sobre algo (mesmo que jamais tenhamos nos detido sobre este algo propriamente dito) que vai sendo repassado, repetido, onde a coisa de que se fala é a única que não conta, ficando no seu lugar um conjunto fixo, chamado conhecimento, permanentemente repetido.

Não é incomum ouvir que o conhecimento é um processo, mas o que se quer dizer com isto? É um processo que nos ensina a repetir conteúdos já tidos como verdades? Ou um processo em que a multiplicidade e transformação que se dão a

nossos olhos exigem sempre a criação de falas novas para dizer, tal que não se chega a uma verdade como termo final?

No primeiro caso teríamos um fechamento para aquilo que, segundo Heidegger, nos abre para a existência (o Ser). No segundo a exploração desta abertura, onde aquilo que um ente expõe é a sua sustentação no Ser (existência), mas que não se esgota com proposições terminais. É a existência que nos põe a falar, a trazer à luz, não como uma visão total que nos deixaria completamente cegos. Toda fala revela o ser no modo de seu aparecer, também oculta.

Um conhecimento terminal, que pretende ter dado conta daquilo que ele é, não passa de uma ilusão de ter dado conta, numa única proposição do real.

A pretensão de chegar a proposições terminais, verdades absolutas, escondidas por trás da aparência, corresponderia a um homem indiferenciado, o impessoal, que não é si próprio, perdendo o que tem de humano que é, diante de um ente, sempre colocar-se a falar da existência. Estaríamos, mesmo com muitos sons, diante de uma comunidade de mudos, porque falar é sempre sobre algo e, na repetição, foi aquilo do que se fala que se perdeu. Repetir é uma manifestação da mudez, mais terminal do que calar-se, porque só cala quem tem algo a dizer.

Só se dá verdade na medida em que o homem é pre-sença, enquanto abertura a tudo que existe, ou seja, toda verdade é relativa ao homem, não como um arbítrio³⁸, mas como um descobrimento que leva o homem para o ente que o incita a falar sobre o que ele é, a revelar que há Ser e não nada.³⁹

Heidegger não só traz uma nova perspectiva ontológica, mas exerce a crítica sobre o modo de conhecimento, baseado na metafísica⁴⁰, que supõe uma essência imutável e, portanto, um conhecimento que é apenas repetição, uma vez que se atinja o que é. Se o real devém, não é possível que o conhecimento chegue a um termo final. A incessante criação do real é a incessante criação do conhecimento. Diríamos: conhecer é criar e repetir é a tradição.

4 - HIPERTEXTO: AVALIAÇÃO

A análise da proposta de hipertexto, a partir de nossa interpretação de Platão e Heidegger, que servirá de auxílio ao pensamento, irá colocá-lo nas três perspectivas: da própria metafísica, da pós-modernidade, considerando-se Nada como fundamento e considerando-se a fusão fundamento/fundado.

Para tanto, utilizaremos os argumentos apresentados na descrição do hipertexto. O que se quer mostrar é que ele, em si, não garante a filiação a qualquer das três hipóteses de real (o mesmo serviria ao texto, que, por falta de espaço, não será aqui abordado).

4.1 - Hipertexto e Metafísica

Apesar de um hipertexto, limitado ou total, propor uma não ordem estabelecida, supõe, entretanto, que aquilo que se pode saber está dado. Se todas as críticas e comentários sobre uma obra podem ser encontradas num hipertexto, p.ex. ⁴¹, ou caso se possa supor uma hipertextualidade completa ⁴², ou ainda sua capacidade de "assegurar uma multiplicidade de pontos de vista e informação " ⁴³, além de garantir a **difusão** da informação ⁴⁴, está implícito que o hipertexto contém todas as possibilidades de conhecimento e que, conhecimento é apenas a ordem que cada leitor fará em sua rota de leitura.

Se o hipertexto encerrasse toda possibilidade de conhecimento, não pretender-se-ia ser este uma cópia perfeita, inscrita em meio eletrônico, do mundo das Idéias de Platão? O que teríamos aqui seria um deslocamento do mundo Real do filósofo grego de uma localização supra-lunar para o ambiente eletrônico.

No entanto, se o hipertexto é um conjunto de inscrições que pretende ser representativa de algo que lhe é externo, se tomamos a interpretação de Platão, o hipertexto como o que está dado, total ⁴⁵, pronto e, portanto, fixo, não seria mais do que um simulacro. Aqui precisaríamos inventar um novo mito de Tot, não para apontar o que o hipertexto é, mas, como Platão, apontar o risco de encará-lo como fonte do conhecimento.

A pretensão de já ter-se dito tudo sobre as coisas, e ter-se armazenado tais ditos em fragmentos (informação) *'linkados'*, permitiria criação? Tudo pode ser criado, desde que se limite ao que já está dado. Algumas descrições do hipertexto parecem colocá-lo como a natureza para Lavoisier: nada se perde, nada se cria, tudo se transforma (diríamos, repete/Chacrinha diria, copia).

O risco aqui é que hipertexto, como instrumento de um paradigma pós-moderno, pretenda ser a própria realização do projeto iluminista, ou, como diria Geraldo Prado, a nova Atlântida Virtual.⁴⁶

Sinteticamente: Caso se veja no hipertexto um instrumento capaz de conter todas as possibilidades de conhecimento, encontramos-nos ainda sob o paradigma metafísico (dois mundos), onde o hipertexto é o mundo Real, com a diferença de ser agora totalmente acessível e acessável.

4.1 - Hipertexto e Pós-modernidade: Nada Funda

Se as críticas à modernidade calcaram-se em grande medida no fato de terem-se imposto Universais (valores, narrativas, leis etc), isto implica que a ordenação dos valores atribuídos era arbitrária. Quer dizer, qualquer ordem é arbitrária porque resulta da apreciação de alguém, e se generaliza enquanto ordem universal por violência (simbólica ou não). Esta interpretação sustenta-se (?) na suposição de que não há ao que possamos referir como árbitro que decida que ordem é a "verdadeira". Se o referente da verdade era o Ser ou a Razão, Nada seria agora seu referente.

O dado (o que está no hipertexto) terá o critério de valor (hierarquia) que quiser seu leitor. É aí que se pretende o hipertexto como instrumento democrático e a verdade como subjetiva, no sentido de uma para cada sujeito.

Se não há nada que possa ser critério para avaliação, ou melhor, se Nada é o critério, como poder-se-ia admitir algum acordo entre os homens? O consenso como possibilidade de verdade tem sido, para alguns, a saída deste impasse. Mas, neste caso, não há consenso sobre algo, o consenso é um fim em si mesmo, pois, caso se referisse a algo, o objeto do consenso **seria** (teria uma essência acerca da qual se concorda).

A questão da ética e da democracia, sem parâmetros universais de bem, que não é nosso enfoque, merece uma pergunta: como seria possível uma democracia sustentada no Nada? Habermas tem tentado responder a este problema.

No segundo caso, qualquer ordem de valores é tão possível como qualquer outra, então, todos os valores são igualados (e como se pode pensar em valor se todos os valores forem iguais?). A garantia de manutenção da multiplicidade de pontos de vista tangencia a uniformidade, no sentido de impossibilidade, de diferenciação. Além disso, a idéia de construção de conhecimento por um sujeito coletivo dificilmente escapa a de um aglomerado justaposto de pontos de vista incomunicáveis.

As costuras e re-costuras dos fragmentos já dados (informações) encerraria todas as possibilidades de conhecimento. Criação passa, deste modo, a ser reciclagem. Tomando os comentários que fizemos sobre Platão, diríamos que o hipertexto é o conjunto do que existe (não seria o mesmo que as Idéias?), a partir do qual, cada um (cada sujeito um demiurgo) pode fazer suas próprias cópias. No caso heideggeriano, reciclagem parece algo distante de criação, já que o real (neste caso tudo que existe no hipertexto) está fixo.

Sinteticamente: Caso se veja no hipertexto um instrumento que permite, a partir de seus conteúdos, qualquer construção de ordem de mundo, cada sujeito seria um demiurgo, capaz de formar, a partir desta matéria, seu próprio mundo. Haveria **nada** em comum entre estes mundos.

4.2 Hipertexto e pós-modernidade: fusão fundamento/fundado

Finalmente, pode-se apreciar o hipertexto dentro da hipótese fusionista de fundamento e fundado.

Supondo-se o hipertexto como aberto a novas inclusões (e não apenas a novas ordens de leitura), então é porque ele não encerra o conhecimento, mas propõe-se como abertura. Um hipertexto que jamais estaria pronto, não é e nem pretende ser um retrato do real.

O risco aqui é tomar-se tal concepção de hipertexto (filme ao invés de retrato) como o próprio real. Incluir no hipertexto imagens é incluir-lhe algo material? Imagem é ou representa alguma coisa? Se o hipertexto não encerra o real, deve existir algo além dele.

Conforme Frohmann ⁴⁷, o conjunto de textos científicos e suas relações em rede não são um mero resultado do entrelaçamento de seus conteúdos, mas dependem de relações extra-texto, diríamos, políticas, afetivas, institucionais, econômicas etc. O hipertexto não poderá incluir, **por escrito**, estas mesmas relações, que entretanto não lhe são exteriores.

A fusão fundamento/fundado carece ainda de encontrar um fio que, ao costurá-los, torne-os um e não duas partes costuradas. Ou seja, pensar 2500 anos a partir de um mundo cindido é algo que não se ultrapassa tão facilmente. O hipertexto, enquanto instrumento que favoreceria a fusão, pode ser um filme que, ao invés de fundir, bane um dos mundos.

Se em Platão o conhecimento é do Real e, caso o hipertexto tivesse a pretensão de circunscrevê-lo, seria apenas um simulacro. Se o real devém na criação, como interpretamos em Heidegger, não pode ser que aquilo do que se fala não conte (o que fica do lado de fora do hipertexto). Neste caso, o instrumento seria um fechamento e não uma abertura para o que é, apesar de apresentado como um filme.

Sinteticamente: Caso se veja no hipertexto um instrumento que permite criar conhecimento do real, porque o real devém (cria), não se pode ao mesmo tempo pretender que o hipertexto encerre o mundo, porque ao invés de fusão dos dois mundos ter-se-ia a eliminação de um deles.

BIBLIOGRAFIA

Para algumas considerações do que tem sido definido como pós-modernidade ver : GUIDDENS. 1991. p. 51-60 ; RABONOW. 1999. p. 87-95 e LYOTARD. 1989.

² KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. [Trad.: V. Rohden]. São São Paulo: Victor Cívita/Abril Cultural. 1974. p.7 – 98. (Os Pensadores; XXV). p. 11.

³ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. ... p. 70-76

⁴ DESCARTES, René. *Discurso do método*. [Trad: J. Guinsburg & B.Prado Jr.]. São Paulo: Vactor Cívita/Abril Cultural. 1973. p. 33-79 (Os Pensadores; XV)

⁵Sobre a trajetória da crítica do conhecimento realizada pela epistemologia, ver Gonzáles de Gómez. 2000.

- ⁶ LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora*. São Paulo: UNESP. 2000.
- ⁷ DESCARTES, René. *Discurso do método*. ... p. 45-46.
- ⁸ DESCARTES, René. *Meditações*. [Trad: J. Guinsburg & B.Prado Jr.]. São Paulo: Victor Cívita/Abril Cultural. 1973. p.81–150. (Os Pensadores; XV)
- ⁹ GONZÁLEZ DE GOMÉZ. Maria Nélide. *Para uma reflexão epistemológica da Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, 2000. (Pré-print)
- ¹⁰ LANDOW, George P. *Hipertext: 2. The convergence of contemporary theory and thecnology*. London: Johns Hopkins Press, 1997. p. 74.
- ¹¹ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 74-75.
- ¹² LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 78.
- ¹³ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 80.
- ¹⁴ SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- ¹⁵ SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. p. 71
- ¹⁶ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 81.
- ¹⁷ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 85.
- ¹⁸ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 232.
- ¹⁹ MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papirus, 1997. p. 183
- ²⁰ Silva faz um excelente apanhado acerca do hipertexto e das possibilidades de seu entendimento como instrumento de criatividade, além de buscar novas bases gnoseológicas para seu assentamento. Ver especialmente p. 105-162.
- ²¹ Por mais que quiséssemos apenas apresentar as apreciações dos promotores do hipertexto, neste caso não é possível deixar de notar que a afirmação acerca do texto científico não é verdadeira. Além de qualquer texto sempre propor uma imagem mental daquilo acerca do quefala, os textos de geologia, medicina, química etc são abundantes em imagens: fotos, desenhos, esquemas e ícones. A imagem, enquanto alegoria (da mesma forma que a narração alegórica) é que tem reduzido espaço neste tipo de texto.
- ²² LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 64.

²³ PLATÃO. Fedro. In: --- *Diálogos I*. [Trad. Peleikat]. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. (Clássicos de Bolso). p. 178.

²⁴ Teuth ou Thot , dependendo da versão.

²⁵ PLATÃO. Fedro... p. 178-179.

²⁶ A memória, no modo lembrança, é a possibilidade de conhecimento em Platão, ou seja, memória e conhecimento são praticamente sinônimos.

²⁷ PLATÃO. Fedro... p. 178-179.

²⁸ DROZ, Geneviève. *Os mitos platônicos*. Brasília: UnB, 1997. p. 168

²⁹ PAVIANI, Jayme. *Escrita e linguagem em Platão*: notas introdutórias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. (Filosofia; 5). p. 51-65

³⁰ PLATÃO. Fedro... p. 179.

³¹ Platão supunha a existência de um mundo onde as idéias (realidades) existiam, separadas do mundo em que vivemos (sensível), sendo este último uma cópia do primeiro. Deste modo, as idéias em Platão não são abstratas como, em geral, entende-se hoje.

³² Para o movimento de ascese ver Platão. Banquete. p. 117.
Para o movimento descendente ver Platão. República VI. p. 119-201 (a linha segmentada). e Platão. República. VII p. 203-206 (alegoria da caverna).
Ver também Droz. p. 74-84

³³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo 1*. [Trad: Cavalcante]. Petrópolis: Vozes. 1997. p. 45

³⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo 1*. p. 48.

³⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo 1*. p. 179.

³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo 1*. p. 181.

³⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo 1*. p. 228.

³⁸ Não como arbítrio que, segundo se pode depreender da interpretação de Platão, era o que os sofistas pretendiam.

³⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo 1*. p. 296.

⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. 3^a ed. [trad: Carneiro Leão]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1987

⁴¹ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p.85.

⁴² LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 232.

⁴³ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 220.

⁴⁴ LANDOW, George P. *Hipertext: 2*. p. 216.

⁴⁵ Supor ser o hipertexto total é o mesmo que supô-lo completo, pois ao que está totalizado nada se pode acrescentar.

⁴⁶ O Prof. Geraldo Prado (Ciência da Informação – IBICT/UFRJ) alude ao texto de Francis Bacon', "Nova Atlântida" que retrata num conto os ideais iluministas. Prado percebe o risco de se reproduzir os mesmos ideais no ambiente virtual.

⁴⁷ FROHMANN, *The role of scientifica paper in science information systems*. Ontario: Univ. of Western Ontario. /s.d./ Endereço eletrônico:
<http://www.instruct.uwo.ca/faculty/Frohmann/ASIS%20Scidoc.PDF> p. 13